

**PARADIGMAS PARA O SÉCULO XXI: POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DO
PARADIGMA INDICIÁRIO DE CORTE PSICANALÍTICO ÀS CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS**

**PARADIGMAS PARA EL SIGLO XXI: POSIBILIDADES DE APLICACIÓN DEL
PARADIGMA INDICIARIO DE CORTE PSICOANALÍTICO A LAS CIENCIAS HUMANAS
Y SOCIALES**

**PARADIGMS FOR THE TWENTY-FIRST CENTURY: POTENTIAL APPLICATIONS
OF THE PSYCHOANALYTICAL INDICIARY PARADIGM TO THE HUMAN AND SOCIAL
SCIENCES**

**PARADIGMES POUR LE XXI^{ème} SIÈCLE : POSSIBILITÉS D'APPLICATION DU
PARADIGME INDICIAIRE DE TYPE PSYCHANALYTIQUE AUX SCIENCES HUMAINES
ET SOCIALES**

21世纪的规范：人文和社会学科使用考证规范来对心理分析进行考证的可能性

DOI: 10.5533/1984-2503-20146202

Márcia Barros Ferreira Rodrigues¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões de ordem teórico-metodológica no campo dos estudos culturais a partir de dois ensaios² no qual exercitei a perspectiva do paradigma indiciário de corte psicanalítico ou estético-expressivo – como prefere o cientista político Gisálio Cerqueira Filho³. Nesta perspectiva está presente a problemática da circulação de ideias, da apropriação cultural, do conservadorismo político e das redes de sociabilidade que marcam a formação histórico-social brasileira. Buscamos um diálogo interdisciplinar entre História, Sociologia, Ciência Política e Psicanálise, para interpretar

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora dos Programas de Pós-Graduação em História e em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Núcleo de Estudos Indiciários (NEI) e Pesquisadora do Laboratório de História das Relações Políticas Institucionais da UFES. Pesquisadora do CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo. Realiza pesquisas relacionadas à área de Segurança Pública, com ênfase na área de prevenção e ressocialização. E-mail: mbfrodrigues@gmail.com

² Ensaios realizados como parte de meus estudos de pós-doutorado em 2007, no Laboratório Cidade e Poder e no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, sob a supervisão do Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho.

³ Cerqueira Filho, Gisálio (2005). *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*, São Paulo: Escuta

indícios tomados como sintomas sociais. Para tal, tomamos como unidade de análise o romance *Jóias de Família*, de Zulmira Tavares e a obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Palavras-chave: Apropriação Cultural, Conservadorismo Político, Indiciarismo e Psicanálise.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar reflexiones de orden teórico y metodológico en el campo de los estudios culturales a partir de dos ensayos donde apliqué la perspectiva del paradigma indiciario de corte psicoanalítico o estético-expresivo – como prefiere llamarlo el politólogo Gisálio Cerqueira Filho.

Esta perspectiva permite abordar la problemática de la circulación de ideas, de la apropiación cultural, del conservadurismo político y de las redes de sociabilidad que marcan la formación histórico-social de Brasil. Buscamos establecer un diálogo interdisciplinar entre Historia, Sociología, Ciencia Política y Psicoanálisis, para interpretar indicios considerados como síntomas sociales. Para ello, usamos como unidad de análisis la novela *Jóias de Família*, de Zulmira Tavares y el ensayo *Casa-Grande y Senzala*, de Gilberto Freyre.

Palabras clave: Apropiación cultural, Conservadurismo político, Paradigma indiciario, Psicoanálisis.

ABSTRACT

The aim of this article is to outline several theoretical-methodological reflections in the field of cultural studies based on two essays written from the perspective of the indiciary paradigm, either defined as psychoanalytical in nature, or aesthetic-expressive, as preferred by political scientist Gisálio Cerqueira Filho. Running through this perspective is the issue of the circulation of ideas, cultural appropriation, political conservatism and the networks of sociability that have shaped Brazil's historical and social development. We seek to establish an interdisciplinary dialogue between history, sociology, political science and psychoanalysis, in order to interpret evidence taken as social symptoms. To do so, we analyze the novel *Jóias de Família* [Family Jewels] by Zulmira Tavares and the work entitled *Casa-Grande e Senzala* [The Masters and the Slaves] by Gilberto Freyre.

Key Words: Cultural Appropriation, Political Conservatism, Indiciarism and Psychoanalysis.

RÉSUMÉ

Le but de cet article est de proposer des réflexions d'ordre théorique-méthodologique dans le domaine des études culturelles à partir de deux ouvrages auxquels j'ai appliqué la perspective du paradigme indiciaire de type psychanalytique ou esthétique-expressif, pour reprendre la formulation du politologue Gisálio Cerqueira Filho. Cette perspective permet d'aborder la problématique de la circulation des idées, de l'appropriation culturelle, du conservatisme politique et des réseaux de sociabilité qui marquent la formation historico-sociale du Brésil. Nous avons cherché à établir un dialogue interdisciplinaire entre l'histoire, la sociologie, les sciences politiques et la psychanalyse pour interpréter des indices entendus comme symptômes sociaux. À cet effet, nous avons pris comme unité d'analyse le roman *Jóias de Família*, de Zulmira Tavares et l'essai *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Mots-clés : Appropriation culturelle, Conservatisme politique, Paradigme indiciaire, Psychanalyse.

摘要

本论文从理论和方法学角度对文化研究领域的考证规范(paradigma indiciário)进行反思，参考了2篇文章中有关对心理分析使用考证法，或者说对美学—表现力进行考证分析。巴西的政治学教授吉萨里奥塞尔盖拉(Gisálio Cerqueira Filho)偏向于后者。从这个方面研究，会遇到很多问题，比如，思想的流传，文化的吸收和传承(apropriação cultural)，政治保守主义，文化人社交网络，等等，这些问题对巴西历史和社会的形态有很大影响。本论文在历史学，社会学，政治学和心理分析等学科之间进行对话，作者认为证据(indícios)也可以解释为社会的症状(sintomas sociais)。为了认证这个议题，我们分析了文学作品“家族珍宝”(Jóias de Famílias)，作者是祖米拉塔瓦雷斯 (Zulmira Tavares)，同时也分析了巴西社会学和历史学巨作“大屋和草棚”(Casa-grande e Senzala)，作者是吉尔伯特佛来雷(Gilberto Freyre)。

关键词：文化吸收与弘扬，政治保守主义，考证学(indiciarismo)和心理分析。

No romance *Jóias de Família*, de Zulmira Tavares⁴, estabelecemos relações entre a formação social brasileira no contexto republicano e o “casamento” dos valores burgueses com o fundamentalismo religioso romano-cristão. Por outro, articulamos a relação da ilustração iluminista com a cultura religiosa conservadora e seus efeitos político-ideológicos nos sentimentos inconscientes que nos afetam enquanto atores sociais. Já no ensaio sobre *Casa-Grande & Senzala*⁵, de Gilberto Freyre, apresentamos um conjunto de reflexões a cerca do sofrimento nos trópicos a partir da discussão sobre as relações entre *ethos*, *pathos*, violência e poder. A abordagem neste caso é metapsicológica e parte da descoberta do inconsciente freudiano como manifestação do *pathos* que surge da violência primordial. Partimos da perspectiva filogenética psicopatológica da humanidade, cunhada por Freud e que tem influência de longa duração na Psicopatologia e, particularmente, na Psicopatologia Fundamental, como informa Berlinck⁶.

Nosso interesse nos dois ensaios é analisar as fantasias de poder e autoridade contida nas emoções inconscientes, sua influência nas permanências culturais de longa duração e o sofrimento e culpa presentes nesse processo histórico-cultural.

Metodologicamente, tratamos os temas propostos nos ensaios numa interpretação norteada pelas ciências sociais e a história e informada pela psicanálise. Essa perspectiva parte da racionalidade do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg⁷, ampliando-o ao tratar os indícios enquanto sintomas. Procuramos interrogar “*as práticas, os saberes e os afetos a partir dos matemas da psicanálise e de seu postulado fundamental: Há falta no Outro. Ou seja, esse real da psicanálise é buscado no campo da cultura e investigado a partir da lógica tanto do significante, inscrito na ideologia e nas lutas históricas, bem como na economia do gozo*”.⁸

No primeiro ensaio, o romance *Jóias de Família* foi tomado como unidade de análise e tratou das implicações político-afetivas dos condicionantes psicanalíticos apontados

⁴ Tavares, Zulmira (2007). *Jóias de família*, São Paulo: Cia das Letras.

⁵ A partir de agora faremos referência à obra *Casa Grande & Senzala* pela sigla CG&S.

⁶ Berlinck Manoel Tosta (2000). *Psicopatologia fundamental*, São Paulo: Escuta.

⁷ Ginzburg, Carlo (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo: Cia das Letras.

⁸ Cerqueira Filho, Gisálio (2005). Op. Cit., p.6.

acima, nas relações sociais e estrutura psíquica dos personagens no que denominaremos a partir de agora de autoritarismo afetivo.⁹

No referido romance, os comportamentos caricaturais, dramáticos, cínicos e sórdidos dos personagens, vão pontuando sentimentos que revelam sutilmente as contradições e ambigüidades inclusas no processo de modernização conservadora pela qual passou a cultura política brasileira inscrita na tradição romano-canônica. Entretanto, numa leitura linear do romance, a falsidade e a mentira é que aparecem como tema central. Porém, num primeiro momento, nada revelam das ambigüidades e contradições em curso no processo de modernização brasileiro. Processo esse marcado por segredos e mistérios indizíveis segundo a tradição conservadora da família burguesa no Brasil, assentada no absolutismo ou autoritarismo afetivo. Por isso, é preciso destacar que, paradoxalmente, são exatamente as ilusões, falsidades e mentiras, presentes na trama, que aludem e ao mesmo tempo produzem um efeito de ilusão em relação às contradições do processo de aburguesamento ocorrido a partir da década de 1930 no Brasil.

O enredo do romance está centrado no relato da vida de Maria Bráulia Munhoz. O foco da narrativa é a existência, ou não, de um anel raro e valioso, de rubi sangue de pombo, dado como presente de noivado à Maria Bráulia pelo futuro marido, um juiz de direito por nome Munhoz. A vida de Maria Bráulia é narrada a partir da velhice na condição de viúva sem filhos e decadente que, no entanto, não perde a pompa e nem abre mão da manutenção dos rituais de poder e dominação internalizados por sua condição de classe por meio de um longo processo de socialização no e pelo casamento.

Maria Bráulia Munhoz é filha de uma família rica oriunda da indústria de tecidos, representante da burguesia paulistana dos anos trinta que se casa com Munhoz, juiz de direito, austero, bem de vida, mas não propriamente rico. O casamento é por interesse mútuo. Interessa a Munhoz entrar para o círculo de poder da burguesia paulistana e interessa a família de Maria Bráulia ter um representante do judiciário entre os seus. A entrada de Munhoz é estrategicamente planejada por ele e está simbolizada pelo anel de rubi com o qual presenteia a noiva e produz um efeito de poder perante a família de Bráulia.

⁹ Estamos utilizando essa denominação no sentido empregado pela historiadora Gizlene Neder em seus escritos sobre as relações entre Direito e História e seus efeitos na tradição jurídico-penal luso brasileira. Ou seja, um conjunto de sentimentos/pensamentos baseados no princípio teológico romano-cristão da perfeição.

O recurso literário da narrativa nos conduz ao processo de socialização e aprendizado que vai da ingênua Braulinha, à velha “cínica” dona Brau. Não há linearidade cronológica. Os fatos se misturam e se mesclam no passado e no presente ao sabor das recordações que os acontecimentos despertam na personagem ou são pontuados e esclarecidos pela autora enquanto narradora. Durante o percurso, ficamos sabendo que o anel de rubi era falso, que o juiz era homossexual e mantinha um amante como secretário, que Braulinha foi entregue, pelo marido, como amante, ao joalheiro Marcel, amigo da família e cúmplice do casal. E este, na condição de seu amante, a presenteara com uma jóia legítima, a saber, um cabochão de rubi.

Jóias de Família aborda a família nuclear burguesa e a permanência do patriarcalismo constitutivo do seu padrão conservador, moralista e autoritário. O puritanismo católico é tratado no romance por meio de temas, práticas e rituais consagrados pela ideologia e cultura religiosa que conformam o escopo doutrinário teológico e filosófico da cristandade ocidental e suas repercussões no mundo luso-brasileiro. O cenário é São Paulo e tem como pano de fundo o processo de ascensão e decadência de um segmento da burguesia paulistana no período que vai dos anos 30 até a década o final de 1960.

Os temas enfocados a partir da saga da personagem principal, Maria Bráulia, são oriundos da ideologia religiosa cristã tais como: o casamento como sacramento, a religiosidade, a sacralidade da família, a virtude feminina alicerçada na obediência ao marido, a moralidade da justiça e do direito canônico; assim como temas transversais relacionados a estes, tais como: o homossexualismo, o adultério, os negócios escusos, o racismo, o preconceito social e o conflito de classe.

Tomando a literatura como um campo fecundo para pensar as emoções enquanto manifestação da política e entendendo que o afeto é político e que conforma nossas ações muito mais do que o pensamento¹⁰. Destacamos a máxima de Lacan (1966/1988) de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem e essa linguagem é pulsional. Assim, buscamos indícios em *Jóias de Família*, dos elementos da condição humana, na linguagem, partindo do pressuposto de que a linguagem é vida (pulsão) e oferece um riquíssimo material para análise de sintomas sociais.

¹⁰ Cerqueira Filho, Gisálio. (2002). *Édipo e excesso. Reflexões sobre lei e política*, Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor.

Em *Jóias de Família*, a realidade perde sua plenitude pegajosa e remete a um amplo leque de significados. O jogo realizado e encenado pelos personagens aponta para a dialética da interpelação ideológica que guarda íntima relação com os sentimentos inconscientes. Por isso, entendemos que “*toda análise social da ideologia remete ao imaginário e aos efeitos de ilusão/alusão [...] e que a questão do sujeito é constitutiva da instância ideológica, que, por sua vez, remete a problemática do inconsciente*”.¹¹ Sendo assim, pensar, representar, sentir, emocionar-se são momentos da práxis tanto quanto agir.

O pensamento, as representações (metáforas e metonímias) e as formações discursivas, inclusive o discurso literário, são efetivamente formas de existência social. Entretanto, existem defasagens entre o sentir, o pensar e o agir que permite entender o discurso na sua dimensão ideológica. Não como pura ilusão, mas produzindo um efeito social específico. Melhor dizendo, o efeito da ilusão é uma das alusões da ideologia; uma, dentre outras. Assim, se a trama construída em *Jóias de Família* gira em torno da falsidade do anel. É essa falsidade que alude ao significante mestre representado pelo cabochão. Este é o traço identificatório principal, embora, por deslocamento (efeito de ilusão), pareça ser o anel. Por isso, é preciso destacar que, no romance, é o cabochão que produz um efeito contundente e significativo pelo que contém de fálico em relação ao anel.

Prosseguindo nosso argumento, acreditamos que o comportamento psíquico do indivíduo não é um simples reflexo passivo de conflito, mas uma forma ativa, ainda que mistificada, de resolvê-lo. O mesmo se pode dizer das ideologias, que não são meros subprodutos inertes das contradições sociais, mas estratégias habilidosas para contê-las, administrá-las e resolvê-las imaginariamente. O que temos aqui é o paradoxo estrutural-dialético de um efeito (aparição espectral, fantasmagórica) que só existe para apagar as causas de sua existência. Nesse sentido, o indício pode ser lido como sintoma.

É nesse ponto que nos afastamos do indiciário de Ginzburg¹² para nos aproximar da psicanálise. Trata-se de um diálogo entre indício e excesso. O excesso tomado como indício. Este é o alvo do indiciário de base psicanalítica que nos inspira e que leva necessariamente aos domínios moleculares do desejo. Incluí as emoções (contradição, ambivalência) que nos afetam na discussão do político e da ideologia. Nesse sentido,

¹¹ Cerqueira Filho, Gisálio (1988). *Análise social de ideologia*, São Paulo: EPU, p.2-3.

¹² Ginzburg, Carlo (1989). Op. Cit.

Jóias de Família permite analisar o quanto de imaginação e de fantasia está a grudar e a moldar a nossa realidade circundante.

Na constelação de temas contidos em *Jóias de Família*, temos o casamento e a família atraídos, como enfatiza Neder¹³, pelo princípio da perfeição e da representação das ideologias seculares num processo de apropriação cultural e atualização histórica. A representação fica então subordinada e vulnerável à tradição cristã de separar corpo e alma, soma e psique. O desconhecimento do próprio corpo é campo fértil para fantasias maníacas forjadas em uma concepção onipotente do corpo, do absolutismo afetivo e da potencia da vontade. Nesse sentido, o personagem do juiz Munhoz é exemplar para abordamos o sofrimento produzido por esse processo. A última frase dita antes de morrer, “*in dúbio pro reo*”, condensa dramaticamente a angústia da dúvida numa vida regida fortemente pela fantasia absolutista da vanglória de mandar, mas também e, sobretudo, pelo sofrimento como expiação.

Nesse sentido, quando as permanências ideológicas se soldam naquilo que é particular ou contingente, representa a pegada da ideologia. No caso de *Jóias de Família*, o elemento permanente é o direito canônico que, via o escopo doutrinário da cristandade ocidental, se engasta no processo histórico particular da transformação capitalista no Brasil, resultando no “casamento” dos valores burgueses com os valores morais e religiosos do puritanismo católico romano. Este, representado pelo casamento como sacramento, daí a culpa e o sofrimento. O registro de gozo dos personagens se dá no imaginário que organiza a vida social do casal e das relações familiares, ou seja, as redes de sociabilidade.

O mecanismo de dominação da ideologia puritana do cristianismo romano interpela os personagens capturando suas subjetividades no curso da estória. Os afetos e os sentimentos na sua dimensão psíquica e social revelam, em última instância, a dimensão política do sofrimento, constituído e conformado pelo absolutismo afetivo, a ideologia do favor, a vanglória de mandar, o casamento como sacramento, a representação da família nuclear burguesa e patriarcal, o controle da sexualidade e do desejo e pelo sofrimento como expiação.

O desfecho de *Jóias de Família* alude e denuncia aquilo que impede o acesso ao desejo e causa dor e sofrimento. A realidade só se apresenta através de sua simbolização

¹³ Neder, Gizlene (2000). *Iluminismo jurídico-penal luso brasileiro: obediência e submissão*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos/ICC. (Coleção Pensamento Criminológico)

incompleta. O fantasma da culpa emerge justamente nessa lacuna que separa a realidade e o real e, em virtude da qual, a realidade tem o caráter de uma ficção. O fantasma dá corpo àquilo que escapa à realidade (simbolicamente estruturada). Como o limite entre a ficção e realidade é muito tênue, podemos dizer que a fantasia se gruda e molda a realidade, tanto no romance quanto na vida real. Por isso, o mecanismo analisado nessa ficção literária, diz respeito a todos nós. Revela nossa humanidade e o quanto as ideologias podem se grudar às nossas fantasias. Reconhecer esse poder é abrir caminho para o árduo e difícil trajeto a ser descoberto, por cada um, na incessante busca pela satisfação desse obscuro objeto chamado desejo, que reina soberano na sua incompletude.

Seguindo a mesma orientação metodológica, o segundo ensaio toma como unidade de análise a obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. O diálogo interdisciplinar neste caso apresenta um conjunto de reflexões a cerca do sofrimento nos trópicos. A análise propõe uma discussão sobre as relações entre *ethos*, *pathos*, violência e poder. A inspiração é metapsicológica e parte da descoberta do inconsciente freudiano como manifestação do *pathos* que surge da violência primordial. Ou seja, a perspectiva filogenética psicopatológica da humanidade cunhada por Freud e sua influência de longa duração na Psicopatologia e na Psicopatologia Fundamental¹⁴. Partimos do pressuposto de que o humano é uma espécie psicopatológica, sem ser doente, e a subjetividade humana apresenta um aparelho psíquico que inclui uma dimensão inconsciente. A dinâmica desse fenômeno é regida pelo *pathos* (sofrimento, paixão, passividade).

O *pathos*, segundo Berlinck, designa o que é vivido, portanto, é um estado transitório. É um discurso sobre o afeto.¹⁵ É uma paixão vivida pela experiência na qual o sofrimento constitui a espécie humana formando singularidades subjetivas e onde não há discurso capaz de esgotar o sofrimento.

Isto posto, destacamos que nossa análise se inscreve no campo e estudos da Psicopatologia Fundamental sem, no entanto, fundamentar-se na clínica e na experiência psicoterapêutica. Trataremos o tema proposto numa interpretação norteadas pelas ciências sociais e informada pela psicanálise e pela psicopatologia fundamental. Nossa contribuição é no sentido da constituição de uma experiência, um discurso compartilhado a

¹⁴ Berlinck, Manoel Tosta (2000). Op. Cit.

¹⁵ Afeto não deve ser confundido com emoção. O afeto contém a emoção, mas não se reduz a ela. O afeto é uma força, é uma paixão intensamente excessiva. Podemos dizer que o *pathos* é um "afetão", ou seja, aquilo que atinge e modifica o sujeito. Conferir *Problemas e perspectivas no ensino e pesquisa em psicopatologia*. Palestra proferida pelo Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, na UFF, em 18/05/05.

respeito do *pathos* psíquico a partir da relação entre *pathos* e cultura entendendo que o *pathos* constitui uma subjetividade que é expressão de uma história singular e coletiva simultaneamente.

A escolha desta obra não é aleatória, se deu em função da importância da obra ao longo da história e no imaginário social brasileiro e no exterior. A obra tornou-se referência da identidade nacional brasileira e expressão do processo de constituição de uma civilização cujo psiquismo se formou a partir de um padrão ideológico alicerçado na concepção de miscigenação por mistura. No entanto, e aí reside a pegada ideológica, a miscigenação por mistura pressupõe um padrão de pureza onde a violência e o sofrimento (*pathos*) desse processo, se diluíram na construção mitológica e epopéica formulada por Freyre, ao narrar de forma fabulosa, o *ethos* da cultura brasileira.

Defendemos a hipótese de que a relação entre miscigenação por mistura e ideal de pureza não é percebida em CG&S dificultando a identificação e reconhecimento do autoritarismo afetivo aí embutido. A concepção de autoritarismo afetivo é baseada em Cerqueira Filho¹⁶, enquanto um conjunto de fantasias de poder e autoridade contida nas emoções, por vezes inconscientes, e que jogam um papel decisivo nas permanências culturais de longa duração na formação social brasileira. Especificamente interessa-nos investigar o conjunto das injunções históricas e sociais juntamente com as motivações político-afetivas que levaram Gilberto Freyre a construir tal interpretação sobre o nascimento de uma civilização nos trópicos e os efeitos político-ideológicos indelévels dessa interpretação no imaginário social brasileiro.

Buscamos apresentar reflexões que possibilitem não só a crítica, mas fundamentalmente uma proposta de inovação na interpretação da complexa e conflituosa relação entre *pathos* e poder na cultura brasileira.

Partimos do pressuposto baseado em Berlinck e Freud (filogenética e a subjetividade humana) de que a colonização pode ser entendida como um ataque virulento contra populações produzindo uma insuficiência imunológica psíquica que, por sua vez, se relaciona com as fantasias fabulosas presentes nesse processo e, por fim, com a interpretação mito-poética epopéica formulada por Gilberto Freyre em CG&S.

A invenção do Brasil pelos europeus e a construção do ideário de uma cultura miscigenada e exótica, se iniciou antes mesmo da “descoberta” do Brasil e contribui, paradoxalmente, para padronizar em Portugal critérios de pureza que serviram para

¹⁶ Cerqueira Filho, Gisálio (2005). Op. Cit.

caracterizar os reinóis. A busca por uma identidade pura implicou um padrão étnico, lingüístico e cultural que proporcionou a fantasia imaginária de uma integração identitária nacional. Essa definição de uma ordem social pura (processo civilizatório) e eminentemente européia, definindo a autoctonia, ocorreu antes mesmo do fim do século XV de diferentes maneiras e ao longo da história moderna no ocidente. Foi projetado, segundo Berlinck¹⁷, pelos descobridores (Colombo e Pero Vaz de Caminha) para as Índias e a América, sendo decisivo para a construção da pureza ibérica, a despeito da miscigenação ocorrida na península pelos mouros africanos.

A sociedade colonial brasileira se fundou nos marcos dessa purificação européia particularmente de Portugal e Espanha e o efeito desse processo se estende até hoje. CG&S trava um importante debate nessa discussão e oferece uma saída para os impasses vividos pelo Brasil enquanto país mestiço com pretensões de pertencer aos padrões europeus de “civilidade e pureza”. Nessa linha pretendemos relacionar cultura, pathos, ideologia e inconsciente, articulando a análise sociológica e política à perspectiva psicopatológica.

Freyre em CG&S formulou um mito-poético epopéico para explicar as origens da civilização luso brasileira nos trópicos a partir de suas fantasias perturbadoras e monstruosas sobre a mestiçagem brasileira. Essa interpretação tornou-se referência na discussão da miscigenação impregnando o imaginário social brasileiro. A solução apresentada por Freyre apresenta um olhar de soslaio à imagem refletida no seu espelho narcísico que recorre com frequência a sua infância idealizada, como relatam Larreta & Guicci¹⁸, numa áurea de magia, que o menino deslocado em relação a sua referência identitária procura em vão recuperar. Entretanto, sua narrativa sobre as origens da cultura e do caráter brasileiro não enfoca os conflitos e nem denuncia o sofrimento nos trópicos, obstaculizando a identificação do *pathos* na constituição da nossa subjetividade fundada na miscigenação. Sua interpretação dificulta a percepção do ideal de pureza e a intolerância aí embutidos, reforçando a insuficiência imunológica psíquica e a vulnerabilidade que nos acompanha enquanto latino-americanos mestiços e colonizados.

¹⁷ Berlinck, Manoel Tosta et al. (2001). “Esquizofrenia e miscigenação”. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.4. n. 4, dez., p.11-29.

¹⁸ “O esforço autobiográfico [...] acompanha o conjunto de sua obra. [...] A reflexão sobre o universo encantado da própria infância ocupa sua vida e impregna a maioria de seus empreendimentos literários. A história do menino no Brasil é um dos seus primeiros projetos intelectuais ambiciosos” (Larreta & Guicci, 2007, p.170).

O desafio que Freyre tomou para si de “resolver” o problema brasileiro da mestiçagem e o desconforto experimentado com a quebra do seu espelho narcísico, foi responsável pelas fantasias monstruosas estruturadas pelo real da miscigenação brasileira e de sua percepção enquanto mestiço. Reagindo a esta situação Freyre encontrou uma saída criativa de interpretação das origens da cultura brasileira pela via da miscigenação positiva por mistura, onde as contradições e os conflitos são transformados em equilíbrio e não justapostos ou fraturados como na visão monstruosa e insuportável acionada pelo episódio dos marinheiros.

Na conjuntura dos anos 1920 e 1930 a “questão racial” e o tema da identidade nacional estiveram presentes na pauta dos debates de diferentes matizes ideológicos da intelectualidade latino-americana. Tal debate provocou disputas políticas que se concretizaram pela hegemonia de projetos que se pautaram pela ausência de um pacto social com os seguimentos populares excluídos da participação democrática: os índios, os mestiços, os negros e pobres. Como o conflito não foi resolvido, ele retorna historicamente de diversas formas no interior da formação discursiva latino-americana. Esse retorno vem sempre acompanhado de um mal-estar que remete a violência e ao sofrimento recalcados.

A obra CG&S foi publicada em 1933 e situa-se conjunturalmente nesse debate possibilitando uma discussão sobre o paradigma inaugurado por Freyre ao enfrentar o desafio de pensar um projeto nacional a partir da mestiçagem. A construção de uma identidade nacional mestiça, harmonizada e equilibrada pelo processo de miscigenação é a contribuição fundamental de Gilberto Freyre. Entretanto, para compreendermos a inovação e a abrangência ideológica do seu paradigma é fundamental situar a relação entre suas idéias e as tendências intelectuais do campo em que ele se moveu para acompanhar-mos seu percurso até CG&S.

Freyre foi um típico representante da anglofilia que influenciou toda sua geração. No seu caso em particular alguns autores britânicos foram decisivos na sua formação inicial entre 1918-1923, como nos informa Pallares-Burke¹⁹. É a partir das redes estabelecidas por Freyre entre esses intelectuais britânicos de vertentes variadas e o lugar que ocupavam naquele campo intelectual como um todo, que emerge a idéia central que vai nortear a interpretação de CG&S: a noção de “equilíbrio dos antagonismos”. Essa vai ser a base do paradigma criado para interpretar nossa formação social a partir da

¹⁹ Pallares-Burke, Maria L. G. (2005). *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, São Paulo: UMEESP.

identificação do *ethos*, aspectos morais e éticos de uma determinada cultura, calcado no princípio da miscigenação positiva por mistura.

Freyre considera o equilíbrio dos antagonismos parte integrante e fundamental do *ethos* inglês tomado como modelo paradigmático para pensar o caso brasileiro. Entendia ser o equilíbrio dos antagonismos “a lição dos ingleses para o mundo”, ou seja, a tradição inglesa do equilíbrio, da moderação e do “bom senso de se opor aos excessos”.

Todavia, do ponto de vista do paradigma indiciário que privilegia a análise dos detalhes tomados como indícios, sinais ou sintomas. Afirmamos que o percurso de Freyre até CG&S foi marcado por conflitos e contradições mais da ordem da emoção do que da razão. Segundo os indícios presentes em fragmentos de cartas e escritos autobiográficos como nos informa Pallares-Burke²⁰, Freyre revela angústia e mal-estar. O desafio, internalizado como missão, de tornar-se um dos “homens fortes habilitados a reformar o país”, o racismo experimentado no exterior por ser mestiço e o não pertencimento à estética ariana que tanto admirava, atormentavam o jovem Freyre.

Esses conflitos invadem o plano teórico de forma contraditória em dois aspectos. Na mudança de ângulo ao interpretar o “problema” da mestiçagem brasileira do ponto de vista positivo, conferindo outro sentido às idéias absorvidas de seus interlocutores. E na abordagem que conserva o preconceito falando dele e produzindo um efeito de ruptura.

Esse é o ponto, aí reside a genialidade de Freyre. A novidade não significa “revolução”. É de fato uma mudança de ângulo no olhar a questão da mestiçagem, porém é também uma estratégia política. O que é preciso destacar é que essas contradições expressam conflitos no plano subjetivo. Não estamos convencidos que o racismo de Freyre se diluiu e, muito menos, por uma operação intelectual. Como nos informa a psicanálise o sentimento (racista) opera numa outra chave. O sentimento racista de Freyre, formado e informado na infância no nordeste brasileiro e sua anglofilia, provocaram conflitos de ordem subjetiva que sintomaticamente estão presente na síntese que ele elabora para interpretar o Brasil.

Podemos identificar em várias ocasiões o ideal de perfeição que condensa um dos pilares da ideologia *tomista*, segundo Neder²¹, no culto estético que Freyre fazia à cultura ariana da era vitoriana; na necessidade premente de corrigir e modificar, *a posteriori*, seus escritos; na indefinição proposital quanto ao enquadramento em alguma área do

²⁰ Ibidem.

²¹ Entendido aqui como conjunto de ideologias absolutistas que remetem a Santo Tomás de Aquino. Neder, Gizlene (2000). Op. Cit.

conhecimento e na necessidade de escritos autobiográficos onde sua idealização do eu deixa registrado o lugar a partir do qual queria ser visto. Todavia, a despeito das inúmeras revisões que fez em suas publicações, as palavras, expressões e trechos onde comparações de superioridade racial ou desprezo pelo mestiço e pelo negro, foram abolidos ou substituídos por acréscimos estratégicos em diferentes momentos de sua trajetória intelectual e política, revelam o que de fato lhe incomodava.

Na interpretação positiva que fez da miscigenação no Brasil, Freyre acaba por revelar, sem saber ou querer, o *pathos* (sofrimento, paixão, passividade)²² presente na formação social brasileira. No entanto, sua narrativa mito-poética epopéica ao revelar o *pathos* a partir do *ethos*, produz como efeito político-ideológico, o esvanecimento do *pathos* no processo de colonização européia nas Américas.

A constatação do *ethos* parece partir de uma pré-determinação²³ que concebe a história por meio de uma dimensão mitológica, porém não no sentido da tragédia grega. A construção de uma identidade nacional a partir da miscigenação vista como mistura, dificulta o discernimento entre as fronteiras étnicas. Na interpretação freyriana diversidade significa unicamente diferenciação, o que elimina a priori o antagonismo e o conflito. As partes são distintas, mas não justapostas, se misturam harmonicamente.

Por isso podemos dizer que o pensamento de Freyre possui uma dimensão *tomista*, já que elimina qualquer possibilidade de superação. A idéia de pacto implícita em CG&S está baseada na inclusão do português, do índio e do negro por mistura, o que implica diluição dos protagonistas. A integração entre as partes dirime o conflito. Esse é o efeito ideológico que fará de CG&S um sucesso. Freyre construiu uma síntese “equilibrada” a partir dos seus interlocutores. Por essa via Freyre chega ao desdobramento central da noção de equilíbrio. Nenhum dos lados antagônicos vence totalmente. O equilíbrio garante a sobrevivência dos opostos. Partindo desse paradigma Freyre descreveu a sociedade brasileira em termos de valores ético-sociais (*ethos*). A aplicação que faz da noção de equilíbrio dos antagonismos é fundamentalmente descritiva e normativa. Sua opção teórico-político-afetiva é analisar a sociedade brasileira a partir do *ethos* tendo como pano de fundo a economia patriarcal.

Seu projeto é oferecer um esquema explicativo onde os antagonismos são interpretados a partir do controle e do equilíbrio. Não há vencedores. As disputas ficam aprisionadas e recalçadas numa interpretação que ao descrever o sofrimento inerente ao

²² Para uma conceituação mais precisa (Cf. Berlinck, 2000, p.18-25).

²³ Será que a idéia de predisposição contida em CG&S pode ser entendida no sentido religioso?

processo de colonização, oculta a violência. O conceito de aculturação, herdado do culturalismo de Boas, fortalece a ideologia do sincretismo e exprime um universo insento de contradições, uma vez que a síntese oriunda do contato cultural transcende as divergências reais. A imagem de um Brasil cadinho pressupõe ausência de relações de dominação e poder.²⁴

Entretanto, há no paradigma freyriano uma tensão onde *ethos* encapsula *pathos* e produz um efeito de embaralhamento na constituição da sociedade brasileira fazendo de nós herdeiros de um mal-estar referente à nossa mestiçagem. Já que pelo viés da mistura a composição com o outro enquanto parte justaposta, monstruosa e pertinente ao real do antagonismo, permanece como sintoma. Ao descrever o sofrimento e as estratégias de dominação da cultura europeia nos trópicos, Freyre transforma *ethos* em *pathos*. Eis o cerne da questão. *Pathos* aparece e desaparece. Como efeito do mecanismo de ilusão da ideologia, *pathos* torna-se invisível, porém sua presença fantasmagórica alude o conflito reclamando o reconhecimento da sua existência.

Segundo Sloterdijk²⁵, reconhecimento negado é desprezo. E é nesse vácuo que a interpretação freyriana recupera a dimensão de pureza, pois mesmo não tendo representação na realidade brasileira, o ideal de pureza permanece como desejo latente. Nesse ponto, destacamos a interpretação de Berlinck²⁶ que, ao analisar a miscigenação por justaposição, oferece uma interpretação que preserva a contradição e a erupção do pulsional.

A despeito do mal-estar que o jovem Freyre enfrentou no exterior em função da sua origem mestiça. Formulou na dialética da construção narcísica entre o eu ideal e o ideal do eu, o lugar a partir do qual queria ser visto. Um ariano vitoriano polímata, com a missão política de formular uma interpretação positiva da mestiçagem para o seu país de origem. O impasse foi “resolvido” por uma interpretação idealizada e conservadora, em que a diversidade é transformada em diferença relativizada e o controle exercido pela cultura colonizadora que deforma, sem destruir, garantindo a sobrevivência da cultura colonizada. Ao descrever o *ethos* brasileiro Freyre revela o sofrimento impingido pelo colonizador. Porém, afetado pelo ideal de perfeição *tomista* expresso também no seu

²⁴ “A vitória do equilíbrio dos antagonismos se deu em função da [...] profunda miscigenação, quer a livre e danada, quer a regular e cristã sob a bênção dos padres e pelo incitamento da Igreja e do Estado [...]. Podemos nos felicitar de um ajustamento de tradições e de tendências raro entre povos formados nas mesmas circunstâncias imperialistas de colonização moderna nos trópicos” (Freyre, 2006, p.231).

²⁵ Sloterdijk, Peter (2002). *O desprezo das massas. Ensaios sobre lutas culturais na sociedade moderna*, São Paulo: Estação Liberdade.

²⁶ Berlinck, Manoel Tosta et al. (2001). Op. Cit., p. 11-29.

narcisismo, promove a diluição do *pathos* ao recalca-lo e desloca a questão política para o plano da cultura onde todo conflito se desfaz na integração.

Entendemos o *pathos* como sintoma social e seu “desaparecimento” no paradigma freyriano como uma operação prevalentemente movida pelo sentimento racista que remete a emoções inconscientes e ao mal-estar inerente a ela na formação social brasileira. O sucesso da obra deve-se a profunda identificação com fantasia de perfeição expressa no ideal de pureza. Sentimos com Freyre o gozo provocado pelo olhar de aprovação do nosso algoz, reificando o padrão de obediência e submissão evocado pelo catolicismo romano. Nesse sentido, a miscigenação no Brasil embora presente de forma justaposta e monstruosa, aparece, enquanto efeito ideológico, como mistura.

O equilíbrio dos antagonismos busca um alívio para o sofrimento vivido nos trópicos. A grande questão, no entanto, é que o reprimido sempre retorna e exige o reconhecimento de sua existência causando dor e sofrimento. Gilberto Freyre não escreve apenas um ensaio fabuloso, mas também as suas íntimas memórias. O registro estético, visual e literário no qual a imaginação ocupa um lugar importante, é a sua marca, expressão da sua singularidade intelectual, onde estão contidas questões subjetivas e estruturais, reveladora da complexa relação entre *pathos*, cultura e subjetividade.

Membro de uma aristocracia empobrecida procurou tanto na obra quanto na vida, fazer as pazes com seu passado familiar de mando personificado no autoritarismo afetivo, ou seja, nas fantasias de poder e autoridade. Por isso, em *CG&S*, pode recalcar seus fantasmas e enxergar a composição étnica da população brasileira com olhos de aprovação, como um quadro pintado para enxergar a realidade da janela da sua subjetividade.

Cabe perguntar. É possível romper com essa permanência que vem de longe, de fora e de dentro e que remete a violência primordial da criação e invenção da civilização luso-tropical? Quais os mecanismos disponíveis para fazer a inclusão democrática? É possível (re)inventar o Brasil? Certamente não podemos responder essas perguntas sem um acerto de contas com o mestre de Apipucos.

A guisa de conclusão, destacamos que as interpretações respectivamente sobre *Jóias de Família* e *Casa Grande & Senzala*, fundamenta-se no paradigma indiciário de corte psicanalítico ou estético-expressivo e apresenta possibilidades metodológicas para o estudo da história das ideias políticas. Para tal, apresentamos combinações metodológicas entre o método indiciário e a psicanálise que inclui procedimentos referidos

a clínica de sintomas e indícios nos diálogos intelectuais que contém a problemática da circulação de ideias, apropriação cultural, conservadorismo político e redes de sociabilidade.

Em *Jóias de Família* trabalhamos o conservadorismo político no contexto republicano a partir do “casamento” dos valores burgueses com o fundamentalismo religioso romano-cristão. E articulamos a relação da ilustração iluminista com esta cultura religiosa e seus efeitos político-ideológicos nas redes de sociabilidade da formação social brasileira.

Em CG&S o conservadorismo político é focado a partir da circulação de ideias e da apropriação cultural realizada por Freyre no debate intelectual dos anos 1930. O foco foi a análise da teoria da miscigenação freyriana onde o *ethos* encapsula *pathos* produzindo um efeito de longa duração, expresso nos sentimentos autoritários que perambulam entre nós até os dias atuais.

Enfatizamos que a operação metodológica proposta não seria possível sem a validação do método psicanalítico para investigação nas ciências sociais. O que está em questão neste diálogo são as projeções da psicanálise nas experiências humanas, o papel desempenhado pelas emoções inconscientes na formação das ideologias, da política, da estrutura social e as possibilidades de utilização da teoria e do método psicanalítico pelo cientista social.

A Psicanálise pode ser considerada em vários sentidos. Como método interpretativo do discurso, forma de tratamento terapêutico (Psicanálise Clínica), como teoria do comportamento humano e ainda como sistema de pensamento. Entretanto, é como teoria do comportamento humano e como método de análise do discurso, que a psicanálise nos interessa.

Desde o advento da psicanálise e a descoberta de Freud do sistema do inconsciente, a noção de sujeito ganhou nova dimensão. Com ela ficamos informados que o homem possui uma dimensão psíquica individual, que a consciência não está informada de aspectos importantes do suceder psíquico e não controla totalmente a produção de pensamentos.

Dessa forma, podemos inferir que o processo histórico não é apenas comandado por forças estruturais ou conjunturais, sejam elas econômicas, políticas, culturais ou mesmo a síntese de todas estas, e nem mesmo por ações apenas conscientes. O curso individual de cada ser humano é guiado por emoções inconscientes e da mesma forma, o

curso da história, os processos socioculturais e políticos, são compostos por indivíduos portadores de subjetividades e também perpassados por injunções dessa ordem.

O primeiro ponto a ser destacado no diálogo proposto é de que o sujeito do conhecimento é um sujeito coletivo e individual. O mundo social é simbólico e cria o sujeito individual, dá-lhe a matriz sem o qual este seria impossível. Segundo Plá, o *“indivíduo em abraço-luta dialética com o mundo se constrói, recriando o mundo e seus significados [...] Dizer o homem é dizer o conjunto dos homens, o conjunto de suas relações sociais”*.²⁷ Nesse sentido, é possível articular estrutura social e estrutura psíquica. Compreender o inconsciente em seus aspectos formais, estruturais, é uma ferramenta-chave para aprofundar o estudo da dialética consciente-inconsciente em seu devir histórico. Não há realidade pessoal que não seja social, nem há coletividade fora de sua encarnação nas pessoas.

O segundo ponto é que a despeito do ceticismo que não acredita na possibilidade do conhecimento, do relativismo que não estabelece compromisso com a averiguação (prova) e do dogmatismo que se fecha para novas perspectivas. O diálogo entre as ciências humanas e sociais e a Psicanálise não só é possível como imprescindível no século XXI. A dimensão subjetiva das emoções inconscientes não pode mais estar ausente na interpretação das contradições e da ambivalência das ações humanas no devir histórico.

Falar do político implica relacionar o inconsciente freudiano com as transformações sociais e históricas do mundo contemporâneo. A psicanálise é também uma teorização da relação do sujeito com o mundo, razão pela qual, as transformações sociais interessam tanto a psicanálise quanto as ciências humanas e sociais. O descentramento efetuado pela psicanálise da ordem do mundo para a realidade psíquica significou um deslocamento do ser do mundo para o ser do desejo e a implicação do sujeito no político.

O reconhecimento desse fato é premente e irá permitir num breve futuro, uma investigação onde a sensibilidade, fundamental no ofício do intelectual, não se furte a exercitar, sem receio, a conjectura, baseada em um critério de rigor flexível, como nos inspira aqueles que não temeram ousar.

²⁷ Plá, Carlos José (1973). “Sobre o inconsciente, a contratransferência e outros temas também espinhosos”. In *Questionamos a psicanálise e suas instituições*, Petrópolis: Vozes, p.182.

Referências

- Berlinck, Manoel Tosta (2000). *Psicopatologia fundamental*, São Paulo: Escuta.
- _____. (Org.). (2005). *Obsessiva neurose*, São Paulo: Escuta.
- _____. (2005). *Problemas e perspectivas no ensino e pesquisa em psicopatologia*. Palestra do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck proferida na UFF, em 18/05/05. Transcrição de Márcia B.F.Rodrigues.
- Berlinck, Manoel Tosta et al. (2001). “Esquizofrenia e miscigenação”. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.4, n.4, p. 11-29, dez.
- Bilich, Jeanne (2005). *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: o cinema como mundo, a arte como universo*, Vitória: GSA Gráfica e Editora.
- Bruce-Mitford, Miranda (2005). *Livro ilustrado dos símbolos*, São Paulo: Publifolha.
- Cerqueira Filho, Gisálio (1988). *Análise social da ideologia*, São Paulo: EPU.
- _____. (2002). *Édipo e excesso. Reflexões sobre lei e política*, Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor.
- _____. (2005). *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*, São Paulo: Escuta.
- Chauí, Marilena (1980). *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense.
- Chevalier, J.; Gheerbant, A. (2005). *Dicionário de símbolos*, Rio de Janeiro: J.Olympio.
- Freud, Sigmund. (1987). *Neurose de transferência: uma síntese*, Rio de Janeiro: Imago.
- Freyre, Gilberto. (2006a). *Casa-grande e senzala*, São Paulo: Global.
- _____. (2006b). *Tempo morto e outros tempos*, São Paulo: Global.
- Ginzburg, Carlo (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo: Cia das Letras.
- Lacan, Jaques (1988). *Escritos*, São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Larreta, Enrique R.; Guicci, Guilherme (2007). *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Las Casas, Bartolomé (1985). *Brevíssima relação da destruição das Índias: o paraíso destruído*, Porto Alegre: L&PM.

Legendre, Pierre (1983). *O amor do censor, ensaio sobre a ordem dogmática*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Colégio Freudiano.

Neder, Gizlene (2000). *Iluminismo jurídico-penal luso brasileiro: obediência e submissão*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos/ICC. (Coleção Pensamento Criminológico)

Neder, Gizlene; Cerqueira Filho, Gisálio (1997). *Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*, Porto Alegre: Sérgio A. Fabris.

_____. (2007). *Ideias jurídicas e autoridade na família*, Rio de Janeiro: Revan.

Ortiz, Renato (1994). *Cultura brasileira e identidade nacional*, São Paulo: Brasiliense.

Pallares-Burke, Maria L. G. (2005). *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, São Paulo: UMEESP.

Perrone-Moisés, Leyla (2000). *Inútil poesia e outros ensaios breves*, São Paulo: Cia das Letras.

Philippe, Julien (2000). *Abandonarás teu pai e tua mãe*, Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Plá, Carlos José (1973). "Sobre o inconsciente, a contratransferência e outros temas também espinhosos". In *Questionamos a psicanálise e suas instituições*, Petrópolis: Vozes. p.180-209.

Rodrigues, Márcia B. F. (2005). "Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário". In *Revista Dimensões de História*, Vitória: UFES, n.17, p.213-21.

_____. (2008). "História e psicanálise: um diálogo possível". In Soubbotnik, Michael A.; Soubbotnik, Olga Maria M. C.de S. (Org.) (2008). *Enlaces: psicanálise e conexões*, Vitória: GM Gráfica e Editora.

Sloterdijk, Peter (2002). *O desprezo das Massas. Ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*, São Paulo: Estação liberdade.

Tavares, Zulmira R. (2007). *Jóias de família*, São Paulo: Cia das Letras.

Todorov, Tzvetan (1982). *A conquista da América. A questão do outro*, São Paulo: Martins Fontes.

Ventura, Roberto (2000). *Casa-grande e senzala*, São Paulo: Publifolha.

Recebido para publicação em 05 de setembro de 2013.

Aprovado para publicação em 16 de dezembro de 2013.